



Para a Maria de Lourdes  
fazer o favor de ler, a ver se  
quer corrigir aqui alguma coisa.  
Obrigado!  
com urgência!

## A Invasão do Iraque: como pensar o Mundo depois?

General Pezarat Correia

Isabel  
49

**Maria de Lourdes Pintasilgo:** Tive o grande gosto e a grande honra, devo dizer, de ter conhecido e trabalhado com o General Pezarat imediatamente a seguir ao 25 de Abril. Isso foi muito importante naquela fase em que se falava dos capitães – afinal não eram todos capitães, havia uns “mais adiantados”! Eu falava com um e depois a resposta vinha através de outro: havia uma unidade que me espantava. O meu contacto directo começou logo três semanas depois do 25 de Abril, quando se formou o Primeiro Governo Provisório. E o que eu queria salientar hoje era aquilo que significa para mim o General Pezarat estar aqui: é o meu desejo de que a nossa história não continue a implodir da forma como está a implodir, a mergulhar-se nas pequenas histórias internas que têm tido lugar no nosso país, mas que seja possível reencontrar gerações que tenham a capacidade de ideal e de transformação que a geração do General Pezarat trouxe consigo. Este é, para mim, um aspecto muito importante. À medida que Maio, Junho de 74, iam decorrendo, à medida que o tempo ia decorrendo – e era um tempo imenso, em que aconteciam imensas coisas – nós tínhamos bem a noção de que havia alguma coisa de preparado, de bem pensado, que se não afastava da linha traçada. Lembro-me de conversar com Ernesto Melo Antunes (estávamos os dois no Governo e tínhamos descoberto que ambos tínhamos a mesma noção de autonomia e de independência dos povos colonizados) e de, a certa altura, ele me ter dito: “Tem de conhecer o Pezarat. Ele vai sistematizar isso tudo da forma mais correcta”. O Ernesto Melo Antunes era assim muito sóbrio nas suas intervenções, só quando era espicaçado é que falava mesmo.

O General Pezarat foi sempre uma pessoa com uma presença clara e inequívoca. Soube depois, por alguns dos colegas que, nas reuniões dos primeiros meses e até dos primeiros anos a seguir ao 25 de Abril, a sua posição foi sempre a de retomar as coisas a partir do sítio certo.

Cá fora, a sociedade, com os seus partidos políticos, tornou-se extremamente “civilista”, como se os militares fossem uns patetas. Eu fui educada por militares, com eles aprendi tudo (música, poesia, a própria noção do que é o trabalho), nem sequer percebia esse civilismo que se apoderou, de facto, da sociedade portuguesa. Compreendi mais tarde que essa atitude teria que ver com o desejo de muitos civis de terem uma vida tranquila, agradável. Ao passo que os militares chegavam sem nenhuma ambição pessoal, o que lhes viria do próprio código ético dos militares. (Eu própria aprendi isso dos meus familiares – do meu avô, dos meus dois tios – que me deram a medida do que era essa ética.) Foi isso que encontrei no grupo, na parte mais interna do grupo do MFA e de uma forma especial no General Pezarat. O MFA teve várias etapas: a Assembleia do MFA, o Grupo dos 20, até que, finalmente, houve uma forma mais estruturada, constitucional, que foi o Conselho da Revolução: um instrumento que considero mais do que válido no caso português, indispensável para a democracia. Julgo que a maior parte dos políticos portugueses não teve nenhuma compreensão do significado do Conselho da Revolução na fase em que estávamos. Nomeadamente, quando o Conselho acabou, em 1982, tinha havido já numerosas críticas da parte dos partidos e dos civilistas relativamente à sua existência: “Nunca mais acaba, o Conselho!”, dizia-se. Ora, não competia ao Conselho auto destituir-se. Era claro que ele desapareceria na altura em que houvesse condições concretas para deixar de existir.

O que eu notei nestes homens, e também de forma particular no Pezarat e em mais dois (desculpe não ter dito “General”...), ...

**General Pezarat Correia:** O tratamento preferível é pelo nome... O nome é que identifica.

**MLP:** ...foi ver neles a ausência de uma preocupação de se justificarem junto da opinião pública. Isso é, evidentemente, de uma nobreza de carácter que faz parte desse tal código militar, só que uns têm-na mais viva e outros menos. Com tantas crises que houve e com algumas derrapagens à volta, nunca ouvi ninguém, sobretudo nos primeiros tempos, acusar outros de serem eles os responsáveis. Havia um "nós" que era tão inclusivo que um general me chamou, a mim, a certa altura, a "mulher do MFA"! Havia ali um sentido do "nós" a que, facilmente (e independentemente do seu estatuto civil), quem estava com o mesmo ideal poderia aderir quase completamente.

É muito importante recapitularmos o que então se passou, sobretudo agora, com o que se está a passar agora no Médio Oriente.

Naquela altura, os Estados Unidos tiveram duas atitudes muito importantes para a evolução da nossa História. Todos conhecemos essas atitudes e lutámos durante vinte e tal anos para que as coisas mudassem: a invasão de Timor, que – é Henry Kissinger quem o diz nas suas memórias – foi decidida por ele e pelo Presidente Ford, na visita do dia 6 de Dezembro a Jacarta. Regressaram aos EU e no dia seguinte deu-se a invasão de Timor pelos cem mil soldados indonésios.

Outro facto, anterior a este, e que tocou muito mais de perto a vida portuguesa, foi a convicção de Kissinger (numa análise muito superficial, nem parecendo que ele é de origem alemã!) de que Portugal se ia tornar num país comunista. Kissinger chegou a dizer mais ou menos isto: "Deixá-los, estão lá na ponta da Europa, assim fica a Europa vacinada". Nem sequer houve a compreensão que, da parte de um homem como Kissinger, era de esperar, não houve outra forma de pensar os acontecimentos. Era evidente que naquela altura, quando tiveram lugar as primeiras eleições em Portugal e o Partido Comunista obteve 25%, pela lei da acção e da reacção típica da História (e não só da Física), era evidente que o Partido Comunista estava a atingir o seu máximo. Mas essa atitude norte-americana era completamente disparatada. Felizmente na Europa, tanto a Alemanha e a Inglaterra como depois também a França tiveram outra compreensão da nossa evolução.

Quanto ao Conselho da Revolução, o que foi muito interessante no seu comportamento foi justamente a possibilidade de discutir aquilo que se estava a passar no mundo, porque estavam a par das geopolíticas mundiais e, sabendo embora que nós portugueses não passávamos de "joguetes" dentro delas, havia uma inteira dedicação ao que se estava a viver aqui, mesmo se sabendo que algures havia alguém a querer mudar as peças no tabuleiro de xadrez, "joguetes" que éramos no contexto das grandes forças. Houve coisas que eu não soube logo de início. Mas isso, para mim, foi mais uma razão para admirar o comportamento do Conselho da Revolução, em particular de alguns dos seus membros mais articulados e mais convictos, como o General Pezarat. Quero lembrar também como Pezarat teve, nesse período, além deste papel constante, a responsabilidade da Região Militar do Sul, com Reforma Agrária, etc., mostrando uma excepcional capacidade de gestão, fazendo face às mil e uma coisas que surgiram nesse contexto. O que recorro com muita clareza é a incompreensão dos outros grupos, dos *media* e sempre esta atitude nobre de não-defesa perante outros, de não-ataque face a outros. Para mim, que sou muito amiga de alguns desses militares, devo dizer que é esse aspecto de força íntima e de convicção que encontro de forma exemplar no General Pezarat. O papel do General Pezarat virá a ser escrito pelos historiadores.

Só uma nota pessoal: não fosse o Conselho da Revolução, e eu nunca teria sido Primeira Ministra!

**Pezarat Correia:** Não apoiado. Não apoiado!

**MLP:** Isto é um elemento muito importante numa sociedade que actualmente é patriarcal, marialva, machista, mas que naquela fase não o foi assim. Estes homens, militares, tiveram a coragem de impor aquela solução para nós podermos ter outras coisas. E por isto,

evidentemente, o General Pezarat faz também parte da minha história pessoal. Estou muito contente que esteja aqui no Terraço esta noite.

**Mod.:** *Queria dizer que actualmente Pezarat Correia é Professor convidado da Universidade de Coimbra, dando aulas no grupo de Geo-política, na Faculdade de Economia, a convite do Prof. Boaventura Sousa Santos.*

**MLP:** *Já agora, ainda duas coisas. A primeira é significativo que teve o facto de, tendo o Conselho da Revolução desejado e proposto Pezarat Correia fosse a general, ele ter recusado essa proposta e ter ido fazer então o Curso de Altos Estudos no Instituto Militar. É general, pois, por mérito próprio.*

*A segunda coisa: queria deixar aqui publicamente o meu protesto quanto ao facto de o Canal 2 da televisão não ter convidado Pezarat Correia para comentar a guerra no Iraque, tendo ele sido durante tanto tempo pessoa da confiança nesse canal e dada a sua superior competência para o fazer. O que em geral ouvíamos em vários comentários lembra-me o meu irmão em pequeno, brincando com soldadinhos de chumbo!*

**General Pezarat Correia:** Estou perturbado. Quase me vi obrigado a meter na gaveta este papel que preparei para vir aqui falar convosco de um tema que preparei. Em vez disso aproveitava as palavras anteriores para falarmos de outro tema. Mas não vou fazer isso, obviamente. Fica para outra altura. Queria agradecer o vosso convite. Muito obrigado por me terem convidado para estar aqui convosco. Já conhecia esta sala de uma outra oportunidade. Quando trabalhava com Chirac fizemos aqui um colóquio, é um sítio agradável.

O tema que me propuseram para vir debater convosco é um tema de actualidade. Mas não posso evidentemente deixar de iniciar as minhas palavras sem fazer algumas referências a esta introdução tão comovente. Temos uma amizade grande e a Maria de Lourdes evocou uma pessoa que será um pouco também o elo de ligação da nossa amizade, o Melo Antunes. Ele é um ausente-presente. Já agora permitam-me, até porque foi dito aqui... Vou ter, na semana que vem, um acto importante da minha vida: vou dar a última aula. A idade não perdoa, quando atingimos um determinado patamar etário o Estado acha que temos de acabar as nossas funções públicas. Se fosse numa Universidade privada eu poderia prosseguir mas assim vou dar a minha última aula. E vou ter de evocar a pessoa de Melo Antunes. Vou nessa aula analisar alguns dos aspectos do 25 de Abril e no essencial o pensamento que vai estar presente é o de Ernesto Melo Antunes.

Infelizmente Melo Antunes deixou-nos demasiado cedo e acabou por não deixar estruturado aquilo seria fundamental e que foi o pensamento político; sob alguns aspectos creio que foi um dos pensamentos políticos mais ricos no período do post 25 de Abril. Mesmo no 25 de Abril, Melo Antunes, sendo um militar do quadro permanente e um profissional, foi o homem que apareceu com o pensamento mais estruturado. Então no aspecto da descolonização, sobre o qual tive ocasião de reflectir, para depois produzir sobre ele alguma obra escrita, Melo Antunes (prematuramente doente) acabou por não deixar o seu pensamento suficientemente estruturado. O país ficou mais pobre por causa disso. Há apenas um trabalho de fundo sobre a matéria, um trabalho sobre a descolonização. Ele participou na *História de Portugal* de João Medina, em 24 volumes. Passe a imodéstia, o seu último trabalho escrito sobre a descolonização, não publicado, sou eu que tenho pois foi o trabalho de apresentação do meu último livro sobre Angola. Esta apresentação foi o seu último trabalho de reflexão, passado dois ou três meses estava a doença declarada.

Há realmente uma séria de questões que a Maria de Lourdes levantou e a última está relacionada com o tema. Sou obrigado a uma explicação sobre a minha ausência dos comentários à recente guerra do Iraque. E ainda bem que vamos fazer esta conversa de uma forma bastante informal, já agora vem a propósito um comentário em relação ao

Senhora

Fuge

870 de Loures, Portugal

Fundação Cuidar o Futuro